



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Contribuições da teoria Histórico-Cultural em pesquisas sobre o desenho da
criança pequena na Educação Infantil

Bolsista: Evelin Alyne Testi da Silva, CNPq

MANAUS

2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO PARCIAL

PIB-SA/0016/2014

Contribuições da teoria Histórico-Cultural em pesquisas sobre o desenho da
criança pequena na Educação Infantil

Bolsista: Evelin Alyne Testi da Silva, CNPq

Orientadora: Michelle de Freitas Bissoli

MANAUS

2015

RESUMO

A partir dos estudos vinculados à teoria de Vigotski, consideramos a criança como um sujeito sócio-histórico, e que o desenvolvimento de suas diferentes capacidades depende da interação com os construtos históricos e culturais acumulados pelo homem ao longo dos anos. Disso decorre a importância da Educação Infantil, cuja função é proporcionar às crianças de até cinco anos de idade um ambiente culturalmente enriquecedor, contribuindo para a apropriação dos conhecimentos socialmente construídos e das capacidades a eles correlatas, dentre outras, a de se expressar. Destaca-se, neste trabalho, a importância do desenho como construção humana para expressar ideias, sentimentos, aprendizagens e percepções. Verifica-se, na educação infantil, forte presença dessa linguagem, no entanto, ainda não está claro, para os professores, qual seu papel, como docentes, para a efetivação da mesma e quais as reais contribuições do desenho para o desenvolvimento da criança, evidências da ausência de fundamentação teórico-metodológica que resulta na má qualidade da orientação dada às crianças. Diferentes pesquisas têm sido realizadas, nos últimos anos, sobre a criação de desenho por crianças pequenas e sua relação com a Educação Infantil. Conhecer-las pode trazer importantes subsídios para a transformação de práticas recorrentes e pouco desenvolvimentes em creches e pré-escolas. Partindo desse pressuposto, esta pesquisa, de cunho bibliográfico, tem por objetivo conhecer as produções teóricas recentes de pesquisadores brasileiros cujos trabalhos estão dedicados à criação de desenhos por crianças pequenas e sua relação com a Educação Infantil, sob o enfoque da teoria Histórico-Cultural. Para tanto, serão objeto de análise os artigos publicados entre 2010 e 2014 nos periódicos nacionais classificados entre A1 e B3 no Qualis CAPES, área Educação, bem como em teses e dissertações em Educação defendidas no país no mesmo período e disponíveis no sítio da CAPES, além dos trabalhos apresentados nos encontros da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPED).

1. Introdução

De acordo com a teoria Histórico-Cultural, ao nascer a criança herda toda a evolução da espécie e da cultura construída pelo homem ao longo da história. Mas essa herança não tem apenas fundamentos biológicos. Pelo contrário, é por intermédio da internalização dos construtos culturais, como a linguagem oral, escrita, a matemática, a música, o desenho, entre outros, que a criança desenvolve suas capacidades especificamente humanas. Assim, por meio do contato com o outro e com os materiais concretos/abstratos que

constituem a cultura, a criança se humaniza. Sabemos, pois, que a criança, em sua singularidade, torna-se possuidora e criadora de história e de cultura.

Em vista disso, argumenta-se que as chamadas funções psicológicas superiores – o pensamento abstrato, a atenção mediada, a memória voluntária, etc. – são construídas no seio das relações entre os homens. Há uma interação mútua entre as condições sociais, que são mutáveis, e a base biológica do homem (SILVA, 1993, p. 11).

Nesse sentido, é possível afirmar que duas das criações humanas que transformaram e transformam, qualitativamente, os processos psíquicos foram os signos e a apropriação dos sistemas simbólicos. Na perspectiva da teoria Histórico-Cultural, o desenho é um signo que foi inventado pelo homem como um elemento mediador das relações e construído por meio de interações sociais. Logo, o desenho é uma construção histórica e social. Segundo Iavelberg (2008), ele está ligado ao sistema de significação da linguagem e sua construção cultural.

Além de o desenho ser a forma preferencial de atividade artística das crianças pequenas (VIGOTSKI, 2014, p. 95), ele é a base de todas as linguagens artísticas. Segundo Iavelberg, “a importância do desenho é inegável, pela interação que propicia entre a cognição, ação, imaginação, percepção e a sensibilidade” (IAVELBERG, 2008, p. 57).

O desenho aparece na vida da criança muito antes de sua entrada na escola. Através da observação de outras pessoas desenhando, do contato com livros ilustrados, jornais, revistas, videogames, programas de TV, entre outras fontes. Dessa forma, podemos dizer que a aprendizagem e o desenvolvimento das capacidades humanas estão condicionados ao grupo de convivência, à cultura e ao contexto do qual a criança faz parte.

Quando a criança entra na escola, passa a ter conhecimento de distintas formas de fazer que antes não conhecia, através da interação com outras crianças, com o adulto (professor/a) e com obras de diferentes artistas, ampliando seu repertório gráfico. Além do mais, os olhares, os gestos e as

falas do outro levam a criança a avaliar suas próprias produções e enriquecem o processo de criação.

Dentre os princípios das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), com relação às propostas pedagógicas, estão os “estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais” (2009, p. 16). De acordo com esse documento, a proposta pedagógica das escolas de Educação Infantil deve traçar metas para garantir à criança o acesso aos processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens.

Desse modo, é papel da Educação Infantil cumprir o objetivo de exercitar a prática de diferentes linguagens, como o desenho, de modo que a criança pequena seja capaz de interessar-se, não apenas por suas próprias, mas também pelas produções de outras crianças e pelas diversas obras artísticas (regionais, nacionais e internacionais) com as quais entre em contato para ampliar seu conhecimento de mundo e sua cultura. Para isso, deve-se oferecer oportunidades e materiais que possibilitem as produções artísticas, como desenho, pintura, modelagem, colagem, entre outras. Os professores também devem desenvolver um olhar sensível para essas linguagens, fazendo com que a criança desenvolva o gosto, o cuidado e o respeito pelo processo de produção e criação.

Desde que passou a ser estudado, o desenho infantil já foi alvo dos mais diversos tipos de análises, dentre as mais empregadas estão: a avaliação de personalidade, de inteligência, de distúrbios psíquicos, de nível de prontidão ou de maturação, entre outras. Ocorre, também, que na maioria dos estudos sobre o tema analisa-se o resultado final – a produção acabada –, e pouco se fala a respeito do processo de construção do desenho pela criança pequena.

Diante disso, o objetivo geral desse trabalho é conhecer as produções teóricas recentes de pesquisadores brasileiros cujos trabalhos estão dedicados à criação de desenhos por crianças pequenas e sua relação com a educação infantil, mediante as contribuições da teoria Histórico-Cultural.

Para isso, foram levantados artigos produzidos entre 2010 e 2014 nos periódicos A1, A2, B1, B2 e B3 (Qualis CAPES, área Educação) e trabalhos dos encontros nacionais da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação) que tenham por objetivo de estudo a criação de desenhos por crianças pequenas na educação infantil, sob o enfoque da Teoria Histórico-Cultural. Também serão analisadas teses e dissertações em Educação defendidas no Brasil, no mesmo período, que estejam presentes no sítio da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e que tenham o mesmo objeto de investigação – fase em andamento.

2. Desenvolvimento

Baseando nossa análise na teoria Histórico-Cultural, fundamentamo-nos na concepção de que a humanização do homem e o desenvolvimento de seu psiquismo se dá primordialmente a partir das determinações sociais e históricas correntes, sendo sustentados pelos elementos biológicos. Dessa forma, a criança, desde muito pequena, é capaz de interagir num meio natural e social e competente para se apropriar da cultura que a rodeia, o que influenciará seu comportamento e suas ações.

Essas ideias foram levantadas, a partir de 1920, por intelectuais russos, tendo sido o principal deles Lev Semienovitch Vigotski (1896-1934), que apesar das intempéries das revoluções sociais de sua época e do seu estado de saúde, persistiu com o objetivo de elaborar uma nova psicologia que compreendesse o ser humano através da mútua relação entre sua condição biológica e o contexto histórico-cultural.

A teoria Histórico-Cultural – também conhecida no Brasil como Escola de Vigotski – rejeita os padrões baseados em pressupostos inatistas que consideram comportamentos invariantes do ser humano em determinada faixa etária, aqueles que encaixam os indivíduos e suas ações em etapas ou estágios fixos. Para Vigotski, o ser humano depende não apenas de sua estrutura biológica para se desenvolver, mas também do contexto social em que está inserido.

Nas palavras de Mello,

A tese central dos estudos desenvolvidos por Vygotsky e seus colaboradores contradiz a concepção, vigente até recentemente entre nós, de que a criança já nasce com um conjunto de potencialidades inatas que as condições de vida e educação vão ajudar a desenvolver. Para Marx, assim como Vygotsky e outros estudiosos que se juntaram à sua escola, o homem não nasce humano. (MELLO, 1999, p. 3).

Assim, o fato de não nascermos humanos pressupõe que precisamos aprender a ser humanos. Disso decorre a importância da educação, ela é “essencial para que a criança se torne um representante da humanidade e, sem educação, isto não acontecerá” (MELLO, 2005b, p. 4).

Diferente das teorias naturalistas, que acreditam na educação como facilitadora do desenvolvimento das capacidades dadas, naturalmente, no nascimento, a teoria histórico-cultural nos ensina que a educação serve para garantir a criação de aptidões, que no início são externas aos indivíduos, e que são dadas através das experiências da criança desde a mais *tenra* idade, possíveis através do contato com as outras pessoas, com a natureza, com objetos materiais e culturais.

Assim, entendemos que a criança é um ser em construção, que toma como próprios os construtos sociais e se humaniza nesse processo de apropriação. Por isso, a criança é sujeito contextualizado, produtor e produto de história e de cultura, que possui características físicas, formas de pensar, agir e sentir específicas. Ao contrário das ideias que estavam presentes no imaginário da sociedade até os séculos XVII e XVIII, quando meninos e meninas eram considerados pré-adultos ou seres vazios de conhecimentos.

Consideramos, nesse bojo, que a educação tem um papel essencial na formação humana. Sua função é possibilitar o acesso aos conhecimentos necessários ao enriquecimento do processo de humanização e à cultura historicamente acumulada pela humanidade.

Todavia, as práticas educativas correntes se desenvolvem concomitantemente às aspirações do mercado, ocorrendo que algumas capacidades são mais valorizadas do que outras.

Nos discursos dos educadores está o plausível objetivo de contribuir para a formação de pessoas que queiram transformar a sociedade, pessoas capazes de construir novas histórias, através de novos caminhos, novas cores, novos movimentos e emoções. Mas, para que isso aconteça, deve-se proporcionar a elas oportunidades de ver o mundo através de novas perspectivas e isso significa desconstruir critérios tradicionais.

Como afirma Bissoli:

Precisamos formar, desde cedo, para as diversas possibilidades humanas de expressão, para todas as linguagens que a criança tem a seu dispor, mas que, por tanto tempo têm sido silenciadas, dando espaços à frenética corrida pela inteligência, divorciada de todas as demais - e igualmente importantes - capacidades humanas. (BISSOLI, 2007, p. 12)

Deficiente, no que diz respeito ao desenvolvimento das demais capacidades humanas, a educação perde seu caráter de emancipação do homem. Podemos destacar, nesse sentido, a secundarização do ensino de atividades que manifestam capacidades essencialmente humanas, construídas historicamente, como o ensino da arte.

Desenhos, rabiscos e escritos – dentre outras linguagens – são construções humanas para expressar ideias, sentimentos, aprendizagens e percepções do mundo. São formas simbólicas de comunicação, através das quais a criança desenvolverá outras capacidades.

Segundo Mello, a expressão ocupa espaço de suma importância no processo de humanização. Para a autora, não há aprendizagem sem que a criança expresse aquilo que aprendeu. Em vista disso,

A expressão precisa, pois, ser cultivada ao longo do processo de ensino e de aprendizagem. Incentivar a expressão das crianças é papel essencial do professor e da professora desde a escola dos pequeninhos. Ao estimular a expressão das crianças estaremos, ao mesmo tempo, provocando a expressão de sua aprendizagem – e criando melhores condições para seu processo de humanização [...]. (MELLO, 2007, p. 6).

As crianças exercitam a função simbólica ao brincar, dançar, modelar, dramatizar, pintar, criar desenhos. A necessidade de expressão que se forma com vivências como essas, segundo a supracitada autora, são fundamentais na construção das bases necessárias para a aquisição de um complexo instrumento cultural: a escrita.

Entretanto, tendo em vista a importância da leitura e da escrita tanto como práticas exigidas pela sociedade quanto como ferramentas essenciais de ensino-aprendizagem nas diversas áreas do conhecimento, um equívoco acontece quando há uma supervalorização dessas capacidades em detrimento das demais.

A grande preocupação que aqui surge é que professores e professoras da Educação Infantil, na ânsia por ingressar a criança no Ensino Fundamental já apta a ler e escrever, substituem as demais linguagens e diferentes formas de expressão e concentram todas as suas forças em atividades mecânicas de treino da escrita das letras.

Sem dúvida, a aprendizagem da escrita é importante para o desenvolvimento humano, mas considerá-la como linguagem por excelência, de forma única e indiscutível, faz com que coloquemos crianças pequenas que ainda não sabem ler e escrever – que se expressam através de outras linguagens, como o desenho – em um patamar de inferioridade (GOBBI, 2007).

Como discute Gobbi, ignorar o choro, o silêncio, o canto, a dança, os rabiscos, os gestos da criança pequena é desconsiderar as linguagens que revelam quem são, assim como o lugar que ocupam na sociedade, como construtores de cultura. Ainda sob seu ponto de vista,

Embora considere o acesso à linguagem escrita um direito dos cidadãos e cidadãs, o privilégio a apenas uma forma expressiva, tende a tornar opacos nossos olhos e corpos de forma a diminuir nossa capacidade de percepção sobre os direitos à construção de tantas outras dimensões humanas. Neste momento, em que se discute – e ainda há tanto a discutir – sobre a antecipação da entrada das crianças pequenas no ensino fundamental, é essencial conversarmos sobre o “fascínio indiscreto” das linguagens dos meninos e meninas pequenos e pequenininhas que não escrevem, mas que dançam, cantam, choram, gesticulam, circulam pela cidade,

desenham – quando estes direitos lhes são garantidos. (GOBBI, 2007, p. 120).

Por tudo isso, aprofundaremos, neste trabalho, os estudos sobre o ensino do desenho, considerando que essa atividade é uma forma de expressão repleta de significados para a criança pequena e que permite o diálogo com as demais linguagens. Considerando que o ato de desenhar promove desenvolvimento e aprendizagem afetiva, perceptiva, cognitiva, estética e motora, seu ensino deve ser levado a sério e sem pressa.

Não obstante, no que diz respeito ao trabalho pedagógico com o desenho na escola, deparamo-nos com dois extremos: de um lado práticas em que o desenho é desvalorizado, desvinculado de qualquer contexto significativo e de outro lado, percebe-se uma exagerada sistematização do ensino do desenho treinado, dirigido, usado para aperfeiçoar a coordenação motora ou como recurso para fixar outros conteúdos (SILVA, 1993).

Corroborando essa constatação, Trindade ressalta que:

[...] o ensino do desenho é secundarizado, destituído de sua importância ao desenvolvimento integral da criança, uma vez não sendo abordado enquanto um conteúdo de ensino e objeto de estudo. Na escola o desenho é proposto como “atividade livre” – isto é como um passatempo, sem intervenção do educador sobre a atividade – ou acaba sendo uma atividade meramente coadjuvante destinada a complementar o ensino em outras áreas do conhecimento (desenho de mapas, plantas, etc.). (TRINDADE, 2011, p. 18).

Na maioria das vezes, o que se evidencia nas escolas com relação ao ensino do desenho, é a ausência de fundamentação teórico-metodológica, o que resulta na má qualidade da orientação dada às crianças. Ainda, muitos educadores não sabem como avaliar as produções das crianças e não compreendem o desenho como expressão artística com fim próprio. Verifica-se que não está claro para eles qual o seu papel, como docentes, para a efetivação dessas atividades e quais as reais contribuições do desenho para o desenvolvimento da criança. Costumeiramente, trabalha-se o desenho como um recurso aplicado a outros conhecimentos, sem finalidade específica, como

se não fosse uma linguagem própria... como se não fosse uma linguagem inteligente.

De acordo com Gianfranco Staccioli (2011, p. 22), não há como dissociar inteligência e arte, “as representações infantis são produtos complexos”, e essa complexidade não é dada apenas por variações em função da idade, por impulsos ou pelo exercício de procedimentos gráficos, mas decorre também de elementos ligados à personalidade da criança e ao conhecimento de instrumentos úteis para a representação.

Existem pesquisas que estudam a produção de desenhos infantis seguindo pressupostos desenvolvimentistas, cuja intenção volta-se para enquadrar as produções infantis em etapas padronizadas. A criança deve superar fases que vão desde as garatujas até chegar ao nível em que seus desenhos sejam compreendidos.

De acordo com Silva,

Grande quantidade de estudos de linha maturacionista enfatiza as etapas que as crianças devem percorrer rumo ao último estágio do desenho figurativo. O enfoque é a criança, enquanto indivíduo, e seus passos no caminho entre as etapas. Tal concepção é incompatível com a perspectiva histórico-cultural, segundo a qual o homem constitui-se enquanto tal no plano da intersubjetividade. Desse modo as relações interpessoais, que são a base do desenvolvimento, têm que fundar também a análise da evolução da atividade gráfica. (SILVA, 1993, p. 9).

Concepções etapistas fazem com que olhemos o desenho da criança pequena com expectativas de que estes representem as coisas o mais próximo do real, valorizam o ser adulto e compreensível. Dessa forma, engessam a cultura do desenho corrompendo sua essência. Iavelberg (2013) discute esse assunto e afirma que vem desse tipo de tratamento do desenho a explicação de por que muitos adultos e crianças dizem não saber desenhar.

Estudos têm sido realizados acerca do desenho infantil sob a luz da teoria Histórico-Cultural. É necessário, portanto, estudar mais detidamente a bibliografia disponível e conhecer seus pressupostos, buscando estabelecer, comparativamente, os pontos de aproximação e distanciamento entre o

referencial utilizado nas pesquisas, os procedimentos metodológicos e os resultados apresentados, o que nos ajudará a inferir as concepções sobre o desenho da criança e a sua presença na Educação Infantil, no Brasil.

3. Descrição Metodológica

A pesquisa proposta constitui um trabalho de caráter bibliográfico. Consideramos que, segundo Severino, “[...] a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos como livros, artigos, teses, etc.” (2007, p. 122).

O trabalho tem como objeto de investigação as pesquisas realizadas entre 2010 e 2014, no Brasil, a respeito da criação de desenho por crianças pequenas na Educação Infantil, sob o enfoque da teoria Histórico-Cultural. Foram levantados e serão analisados os artigos produzidos entre 2010 e 2014 nos periódicos A1, A2, B1, B2 e B3 (Qualis CAPES, área Educação) e encontros nacionais da ANPED, bem como teses e dissertações em Educação defendidas no país e disponíveis no sítio da CAPES, entre 2010 e 2014, que tenham como objeto de estudo a criação de desenhos por crianças pequenas na Educação Infantil, sob o enfoque teórico Histórico-Cultural.

A análise do material levantado será feita a partir dos pressupostos da análise de conteúdo (BARDIN, 1977), buscando estabelecer, comparativamente, os pontos de aproximação e distanciamento entre o referencial utilizado nas pesquisas, os procedimentos metodológicos e os resultados apresentados, o que nos ajudará a inferir as concepções acerca do desenho infantil e a sua presença na Educação Infantil, no Brasil.

Em vista disso, temos já concluído o levantamento de trabalhos e a leitura aprofundada dos mesmos, bem como a elaboração de sínteses preliminares e a tabulação dos dados, conforme categorização definida, dos artigos e dos trabalhos apresentados na ANPED. A próxima etapa será a elaboração de sínteses preliminares e a tabulação dos dados dos trabalhos de pós-graduação (dissertações e teses). Além disso, será feita a sistematização

do conteúdo através de análise comparativa dos pressupostos para levantamento dos pontos de aproximação e distanciamento, o que fomentará nossas inferências.

4. Resultados e Discussões

A carência de estudos e pesquisas sobre o desenho da criança pequena e a dificuldade de acesso aos textos de periódicos, artigos e dissertações tornou a investigação desafiadora e morosa. Resumos muito sucintos, incompletos ou com informações confusas, também, dificultaram a análise. Além disso, muitas teses e dissertações só estão disponíveis nas bibliotecas dos sistemas de pós-graduação e, considerando a dimensão do nosso país, o acesso a esse material é muito difícil e demorado, por vezes inviável, outro fator que limitou a pesquisa.

Ao revisar a literatura, percebemos que, nas pesquisas sobre o desenho da criança pequena, as concepções etapistas estão fortemente enraizadas. Fundamentadas em princípios que reconhecem a arte da criança como manifestação espontânea e auto expressiva, desconsideram o fato de que a produção de desenhos é resultado de formas complexas de aprendizagem e que o desenvolvimento artístico não ocorre automaticamente à medida que a criança cresce.

Em uma das pesquisas analisadas (ALEXANDROFF, 2010), a autora alega que Vigotski e Piaget compartilham das mesmas ideias já que ambos dividem o processo de construção do desenho em etapas. Equívocos como esse são recorrentes em várias pesquisas que seguem a tendência comparativa entre teorias. Estabelecem julgamentos valorativos entre uma e outra, buscando pontos de aproximação em fragmentos, sem considerar no foco de investigação o contexto, os pressupostos e as perspectivas de cada uma delas.

Conforme já exposto, as produções científicas que versam sobre o desenho infantil com base na teoria Histórico-Cultural, foram coletadas por meio de consulta eletrônica. A busca efetiva resultou em 9 documentos

publicados e defendidos no país entre 2010 e 2014: artigos (5), trabalhos apresentados nos encontros da ANPED (1), dissertações (2) e teses (1).

A princípio, consideramos como critério para a seleção do material, os descritores: desenho, educação infantil e teoria Histórico-Cultural. Em seguida a análise de conteúdo articulou-se em torno das seguintes categorias:

1. Concepção de desenho;
2. Concepção de criança;
3. Concepção sobre a prática educativa com relação ao desenho – o papel do professor;
4. Metodologia adotada;
5. Principais resultados.

Apresenta-se a seguir a tabulação dos dados, conforme categorização definida anteriormente, dos artigos e do trabalho apresentado na ANPED. A tabulação dos dados dos trabalhos de pós-graduação e a análise do conteúdo serão procedidas ao longo do semestre e constarão no Relatório Final.

ALEXANDROFF, Marlene Coelho. Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 18, n.17, p. 20-41, 2010.

CONCEPÇÃO DE DESENHO	O desenho é representação simbólica da realidade, ideias, vontades, fantasias e gestos. O desenho infantil é um meio de compreensão da realidade. Revela o grau de maturidade, o equilíbrio emocional e afetivo, bem como o desenvolvimento motor e cognitivo da criança. Passa por etapas que vão desde as garatujas ordenadas até o realismo fortuito.
CONCEPÇÃO DE CRIANÇA	As crianças devem ser respeitadas conforme suas características etárias, sociais e psicológicas. São sujeitos do aprendizado e seus conhecimentos prévios devem ser considerados.
PAPEL DO PROFESSOR	Há muitos problemas na prática pedagógica com relação ao desenho: negação da autoria da criança, aceleração de conteúdo, negação da expressividade da criança, treino excessivo da ortografia, preocupação excessiva com a aquisição do código escrito, entre outros.

METODOLOGIA	O artigo resultou de uma pesquisa bibliográfica realizada no interior de um grupo de pesquisa. Foram procedimentos: análise de depoimentos de professores da Educação Infantil de escolas públicas e particulares; análise de desenhos de quatro crianças de pouca idade apresentados conforme as etapas de Luquet; análise dos desenhos da neta (acompanhados dos 4 aos 12 anos);
PRINCIPAIS RESULTADOS	Os pressupostos de Piaget e Vigotski, sobre desenho, convergem para um mesmo ponto da mesma forma que as hipóteses de Ferreiro sobre a escrita e as etapas do desenho de Luquet. O tema desenho é desafiador, pois muito se sabe sobre o produto e pouco sobre o processo de produção. O olhar dos educadores e dos psicopedagogos para infância e para as linguagens deve mudar.

STACCIOLI, Gianfranco. As di-versões visíveis das imagens infantis. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 21-37, maio/ago. 2011.

CONCEPÇÃO DE DESENHO	Desenhos infantis são metáforas visuais que não requerem precisão (podem ser compreendidos de diferentes formas). As representações infantis são produtos complexos e sempre estão ligadas à experiência, à variação de sensibilidade e ao conhecimento. O desenho muda à medida que é desenhado, levando a “di-versão”. O desenho é expressão da personalidade; expressão de um tipo de conhecimento; uma demonstração de gosto estético.
CONCEPÇÃO DE CRIANÇA	Desde muito pequenas absorvem a cultura que as rodeia, tentam imitar os adultos, buscam compreensão, afeto, tentam se parecer com os adultos. As crianças, muitas vezes, são plagiadas e usadas para fins de lucro, através das imagens que passam nos meios de comunicação. Arrastadas em direção a bens efêmeros, que confundem realidade com fantasia, tornam-se crianças padronizadas, infelizes, tristes, incapazes de parar e pensar. Por isso, em nosso tempo, as crianças não são criativas. A criança não é artista, mas sua autoria deve ser reconhecida.
PAPEL DO PROFESSOR	Todos que entram em contato com os desenhos não devem buscar respostas apressadas, mas precisam se dispor a passar um tempo mais lento refletindo e acompanhando o processo. Acolher os desenhos da criança não quer dizer apenas aceitar ou permitir, mas respeitar as características do processo. É necessário ouvir as crianças, ou estar disponível para suas narrativas enquanto desenham. Não se deve julgar os desenhos, quando não se os entende, muito menos pedir explicações.
METODOLOGIA	Pesquisa bibliográfica e de observação. Analisou-se o processo de construção do desenho por meio de observação, documentação das obras e registro das falas, tanto das crianças, quanto dos adultos que acolheram os desenhos. Os sujeitos envolvidos foram crianças entre 3 a 5 anos. Constam no artigo as produções de 11 crianças e análise das mesmas.

<p>PRINCIPAIS RESULTADOS</p>	<p>Constatou-se que, ao analisar o desenho, devem ser consideradas tanto a dimensão psicológica quanto a didática. Além disso, através da representação gráfica é possível entrar na complexidade da mente do autor. A criança que rabisca sabe desenhar o real, não de forma estereotipada, mas de sua maneira autobiográfica. Outro fator percebido, foi o fato de que a formação dos pais e professores, com relação à imagem, ainda está muito ligada aos padrões, ao desenho de etiqueta. Muitos preferem ensinar como aprenderam, resgatando práticas antigas e sem significado a confiar no pensamento e na criatividade dos pequenos.</p>
-------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

MONTEIRO, Adriana Torres Máximo; CARVALHO, Levindo Diniz. As coisas que não tem nome são mais pronunciadas por crianças: culturas infantis e produção simbólica. **Atos de Pesquisa em Educação** - PPGE/ME FURB, v. 6, n. 3, p. 632-657, set./dez. 2011.

<p>CONCEPÇÃO DE DESENHO</p>	<p>O desenho é um elemento que pode revelar aspectos culturais. Sua análise permite que traços da sociedade sejam evidenciados. O desenho é um modo de a criança conhecer o mundo e a si mesma. Por meio dessa linguagem a criança significa o mundo. É uma das maneiras específicas de as crianças se comunicarem e ressalta-se a importância de conjugá-lo as suas falas. O desenho é um documento que pode ser olhado, sentido, vivido, imaginado e lido.</p>
<p>CONCEPÇÃO DE CRIANÇA</p>	<p>A infância é uma categoria social e as crianças são atores sociais dotados de pensamento reflexivo e crítico; seres inteligentes, socialmente competentes e com capacidade de realização. São reconhecidas como sujeitos ativos na vida social e seus traços peculiares merecem ser considerados. Por isso, são reconhecidos como produtores de uma cultura própria, as 'culturas infantis'. Assim, a criança deve ser considerada como sujeito e não como objeto em uma pesquisa.</p>

PAPEL DO PROFESSOR	É no ambiente dinâmico da sala de aula que o desenho caracteriza-se como uma produção individual, constituída numa trajetória social. Por isso, o professor deve compreender as linguagens e culturas infantis como forma de significação do mundo. Esse entendimento contribui para a constituição de um modo de ver a criança em sua singularidade, suas formas de apreender e se relacionar com seus pares e seu entorno, mas, principalmente, para a elaboração das imagens construídas sobre as múltiplas infâncias na contemporaneidade.
METODOLOGIA	Metodologia etnográfica e interpretativa, com observação intensiva e prolongada em campo. Os autores apresentam a análise documental e do processo de construção de desenhos produzidos por um grupo composto por 20 crianças de 2 a 3 anos de idade da Educação Infantil de uma escola particular, bem como do trabalho desenvolvido pela professora da turma. As falas das crianças foram registradas enquanto desenhavam.
PRINCIPAIS RESULTADOS	Observou-se que a ênfase deve estar no processo de produção e não apenas no produto, já que o processo envolve aspectos linguísticos, culturais e sociais. Nos desenhos apresentados observou-se a intensidade das interações vividas pelas crianças, que redimensiona a significação de suas produções. Foi possível levantar assuntos de ordem identitária, interacional, social e cultural, bem como situações que influenciaram no processo e no resultado final das produções.

GOBBI, Márcia Aparecida. Mundos na ponta do lápis: desenhos de crianças pequenas ou de como estranhar o familiar quando o assunto é produção infantil. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 20, n. 41, p. 147-165, jan./abr. 2014.

CONCEPÇÃO DE DESENHO	Os desenhos infantis são artefatos culturais e documentos históricos. Não passam obrigatoriamente por etapas, mas resultam de complexas relações, que dependem das características sociais, históricas, culturais e econômicas de quem desenha. Desenhar é um exercício cotidiano de vida, pode prover a existência, a descoberta e a invenção de mundos, enseja modos e maneiras de ver as coisas, elaborar e apropriar-se delas. Os desenhos evidenciam rejeição à rapidez, mas a aceitam sob forma de captura e registro. Desenhar é, de certa forma, ver. Desenhar é materializar o que é visto com todos os sentidos e a partir da relação com o outro.
CONCEPÇÃO DE CRIANÇA	A criança produz cultura, inventa mundos e manifesta seu conhecimento de mundo sob diferentes formas. Aprende com o outro e com as experiências apropriando-se do outro pelos materiais disponibilizados a ela como tinta, lápis, giz, carvão...

<p>PAPEL DO PROFESSOR</p>	<p>Diante de um desenho infantil, há necessidade de se espantar, pois isso denota desconhecimento da inventividade e encantamento com a descoberta da capacidade. A rapidez do tempo furta e tem fragilizado a capacidade do adulto de ver, impedindo-o de sorver e alcançar o que os traçados apresentam e representam. O adulto não tem o hábito de fazer desenhos e nem de observá-los. Acomoda-se somente por observar as crianças desenhando e deixa de lado o fato de que a permanência deste instante pode ganhar outros contornos. Para compreender os arranjos organizados e apresentados pelas crianças nos desenhos, é importante ver, acalmar, observar, escrever, observar e observar para então entrar em contato com essa manifestação expressiva.</p>
<p>METODOLOGIA</p>	<p>O texto baseia-se em registros de falas e análise documental (desenhos produzidos por crianças da educação infantil). Reflexões apresentadas no ensaio resultam de pesquisa de campo empreendida pela autora em 1997 em uma turma composta por 35 crianças que estavam em sua primeira experiência discente na Educação Infantil. No artigo, a autora apresenta e analisa os desenhos de duas crianças.</p>
<p>PRINCIPAIS RESULTADOS</p>	<p>A elaboração de desenhos suscitou conversas entre a pesquisadora e as crianças e entre elas sem a adulta, que reconfiguraram modos de perceber o outro – homem e mulher – ao mesmo tempo em que deram o tom para debate entre adultos e outras crianças. Falas e desenhos podem coexistir ou não, mas, conjugá-los como metodologia de trabalho constituiu-se em importante fonte de coleta de dados. Ao associar a fala de quem produzia com quem via, foi possível compreender sob outros pontos de vista aquilo que se pretendia registrar.</p>

ARIOSI, Cinthia Magda Fernandes. Ensino de artes para crianças de creches: experiências sensíveis, sensoriais e criativas. **Atos de Pesquisa em Educação** - PPGE/ME, v. 9, n. 1, p. 127-154, jan./abr. 2014.

<p>CONCEPÇÃO DE DESENHO</p>	<p>Assim como a linguagem oral, o desenho é muito importante no processo de desenvolvimento infantil, pois ele também constitui um recurso de comunicação. O desenho é um processo contínuo, mas não uniforme. Nos primeiros desenhos que as crianças produzem não há intencionalidade de desenhar, mas sim de sentir, ou seja, o foco está na ação e não na forma. Na fase de 0-3 anos o desenho recebe o nome de garatuja ou rabisco e este não é considerado construção simbólica. Criar não é copiar um modelo de outros (do professor) e nem colorir um desenho. A arte, portanto, deve ser entendida como um processo e não um produto.</p>
------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

CONCEPÇÃO DE CRIANÇA	A criança é um ser complexo e pode ser estudada sob vários paradigmas do desenvolvimento. Ainda muito pequenas, as crianças já começam a desenvolver algumas ações quanto ao grafismo, que serão fundamentais para aprendizagens futuras. Assim, a criança pequena começa a construir suas experiências através do meio e, a partir disso, sua visão de mundo. Elas têm características cognitivas específicas que devem ser respeitadas e desenvolvidas sabendo que é na interação entre a criança e seu meio que se inicia a aprendizagem.
PAPEL DO PROFESSOR	As práticas educativas com as crianças de 0 a 3 anos ainda continuam voltadas aos cuidados e às brincadeiras. A criança necessita de atividades que lhe permitam desenvolver a coordenação motora ampla e fina e o traçado do desenho. É fundamental ao professor de creche conhecer efetivamente as etapas de pelas quais passam as crianças, assim como as etapas do desenho infantil. O educador de infância precisa ter calma e tempo para propiciar situações que garantam a experiência a seus alunos, investir em atividades significativas.
METODOLOGIA	Pesquisa bibliográfica e documental. Utilizou-se, também, de relatos a partir de experiências pessoais. Fundamenta-se na discussão do ensino de arte na escola de Educação Infantil, especificamente nas turmas de creche (0 a 3 anos).
PRINCIPAIS RESULTADOS	Observou-se que nas propostas pedagógicas das creches é preciso considerar a multiplicidade de linguagens que a criança utiliza para se comunicar e representar o mundo, os outros e a si própria. A creche tem um papel muito importante na criação de oportunidade de vivências sensoriais, estéticas e criativas para as crianças, principalmente em se tratando do desenvolvimento da linguagem oral e do desenho.

SILVA, Marta Regina Paulo. Minicurso: Crianças, culturas infantis e linguagem dos quadrinhos: entre subordinações e resistências. **36º Encontro anual ANPED**, 2013.

CONCEPÇÃO DE DESENHO	Sabemos muito pouco sobre as produções das crianças a partir de seu olhar, já que a participação delas e suas produções pouco têm sido consideradas na escrita de sua história. As crianças pensam quando desenham, se apropriam de elementos da cultura e do mundo, criando novos e diferentes sentidos aos mesmos. Desenhos são narrativas gráficas que exigem de quem lê a interpretação visual e verbal. Os desenhos nem sempre necessitam ser explicados. São pensamentos visuais dificilmente compreendidos por seu caráter complexo, por isso, não se deve aprisionar as produções em fases ou estágios de desenvolvimento gráfico.
-----------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

CONCEPÇÃO DE CRIANÇA	As crianças, são seres sociais, históricos e culturais, veem, consomem e produzem imagens. São atores sociais, sujeitos ativos no processo de construção do conhecimento. O conjunto de coisas que elas constroem é chamado de “cultura infantil”. Pesquisar como elas se expressam, o que pensam, sentem, falam, produzem, implica reconhecê-las em sua alteridade. As crianças não estão na sociedade para incorporar passivamente aquilo que se lhes impõe. Além de internalizar e adaptar, devemos considerar que eles necessitam se apropriar, reinventar e reproduzir.
PAPEL DO PROFESSOR	Nas práticas educativas há supremacia da palavra sobre a imagem. A alfabetização torna-se personagem central do ensino-aprendizagem. Antecipa-se o processo de alfabetização e ignora-se os demais conhecimentos. Quando a professora propõe uma atividade em quadrinhos e escreve nos balões a fala das crianças, ela demarca a supremacia da escrita e da fala sobre o desenho. As crianças encontram soluções para seus problemas, desenhando. É necessário, portanto, que o professor valorize essa capacidade. O professor deve ter um olhar sensível, reconhecendo a alteridade da criança.
METODOLOGIA	Trabalho resulta de uma pesquisa de campo, de doutorado já defendida. A pesquisa aponta para uma abordagem de cunho etnográfico, um estudo de caso com crianças da Educação Infantil de 3 a 5 anos de idade. A autora apresenta, no trabalho, a análise das produções de 5 crianças. Os procedimentos metodológicos utilizados foram: a observação participante; o registro de campo, através da escrita, fotografia e filmagem; a análise documental; os relatos orais das crianças; e a análise de seus desenhos e HQs (Histórias em Quadrinhos).
PRINCIPAIS RESULTADOS	Observou-se que as crianças são capazes de ler e escrever com letras e também sem letras. Foi possível verificar, a partir dos dados coletados, que as crianças pequenas, em todas as suas produções, estão pensando, suas escolhas não são aleatórias. Mesmo em situações mais dirigidas, através de suas experimentações estéticas, imprimem suas marcas, sua compreensão poética nas formas de ver, pensar e sentir o mundo. Além disso, percebeu-se que as crianças constantemente reivindicam rupturas com o tempo do capital que é impresso sobre suas vidas. As produções das crianças também denunciaram a tensão existente entre imagem e palavra, e a tentativa de supremacia desta última sobre a primeira. Observou-se a necessidade de uma formação docente mais comprometida com o olhar sensível e pensante, que garanta a experiência com a arte.

5. Considerações Preliminares

A tabulação das produções em categorias temáticas torna possível a organização dos dados da pesquisa conforme as similaridades dos objetos abordados em cada trabalho – identificados na leitura e na análise dos documentos coletados. Segundo Bardin, essa técnica faz parte das fases de pré-análise e exploração do material para a efetivação da análise de conteúdo (BARDIN, 1977, p. 121).

Diante disso, começar a pensar o desenho das crianças enquanto produção a ser estudada e pesquisada de forma séria e particular, leva-nos, antes de tudo, a indagar o que os autores entendem por desenho, criança, prática docente com relação ao ensino do desenho e quais metodologias foram utilizadas nas pesquisas para alcançar seus objetivos e principais resultados.

A análise realizada até agora revela que das seis produções científicas apresentadas, apenas 2 tratam especificamente do tema desenho. Nas demais o desenho é estudado em paralelo com outras linguagens como a escrita, a brincadeira e outras atividades artísticas afins. Apesar disso, em todos os trabalhos foi possível encontrar definições que se encaixam nas categorias acima determinadas.

Em uma pré-análise podemos verificar, na categoria Concepção de Desenho, que existem conceitos polissêmicos que variam de autor para autor, de acordo com a ótica de cada um. Dentre as diferentes concepções, observamos os seguintes termos: *representação/construção simbólica; linguagem; recurso de comunicação; maneira de expressão; código/signo gráfico; marcas gráficas; garatuja; rabisco; etapa do desenvolvimento gráfico; metáfora visual; produto complexo; expressão da personalidade; demonstração de gosto estético; produção cultural; instrumento de conhecimento; documento; documento histórico; artefato cultural; manifestação expressiva; pesquisa social; registro; materialização de algo; ação sem intencionalidade; maneira específica das crianças se comunicarem; processo contínuo; narrativas gráficas; pensamentos visuais.*

Já na categoria Concepção de Criança os conceitos dos autores são mais próximos, quase que equivalentes: *seres que tem características etárias, sociais e psicológicas próprias que devem ser respeitadas; sujeitos do conhecimento; produto e produtor de cultura; veem os adultos como referencial; atores sociais dotados de pensamento reflexivo e crítico; seres inteligentes, socialmente competentes e com capacidade de realização; sujeitos ativos na vida social; um ser complexo que pode ser estudado sob vários paradigmas do desenvolvimento.*

Na categoria referente à Concepção Sobre a Prática Educativa com relação ao desenho – o papel do professor –, os autores apresentaram problemas e soluções.

Os problemas apontados foram: *negação da autoria da criança; aceleração de conteúdo; negação da expressividade da criança; treino excessivo das letras; ênfase na apropriação do código escrito; busca de respostas apressadas; ensino do desenho de forma arcaica; práticas voltadas para os cuidados e brincadeiras; supremacia da palavra sobre a imagem resultando na secundarização do desenho; antecipação do processo de alfabetização ignorando os demais conhecimentos; entre outros.*

As principais soluções apresentadas foram: *respeitar as características do processo; ouvir as crianças; não julgar os desenhos; compreender as linguagens infantis como forma de significação do mundo; espantar-se com o desenho valorizando o encantamento e a descoberta da capacidade feita pela criança; o educador precisa desenhar e observar/ver mais; registrar o processo de construção do desenho; dispor de mais tempo para acompanhar e refletir sobre o processo; mudar o modo de olhar para as diferentes linguagens; buscar um olhar mais sensível, reconhecendo a alteridade das crianças.*

Na categoria Metodologia, as pesquisas foram de cunho bibliográfico e/ou de campo. Os procedimentos metodológicos mais utilizados foram: análise de depoimentos de professores sobre sua prática; análise de desenhos das crianças; observação direta ou indireta; registro das falas e ações; observação da relação criança/criança e criança/adulto.

A categoria subsequente refere-se aos Principais Resultados da pesquisa que deverão ser analisados de acordo com o objetivo de cada investigação. Não é nossa intenção, neste momento, apresentar o tratamento dos resultados neste relatório, tampouco comparar os pressupostos de cada autor, pois essa sistematização faz parte da última fase da análise de conteúdo e constará no relatório final.

Contudo, podemos perceber que, embora os trabalhos tenham como base a teoria de Vigotski, as concepções ora se aproximam ora se distanciam.

Alguns autores ainda adotam concepções etapistas e apresentam argumentos, por vezes, contraditórios. Por isso, a análise desses pressupostos é relevante para que possamos entender como o desenho e seu ensino está sendo tratado na ciência, o que nos servirá de base para tecermos inferências sobre sua presença na Educação Infantil, no Brasil.

6. Cronograma de Atividades

Nº	Descrição	Ag o 2014	Set	Out	Nov	Dez	Jan 2015	Fev	Mar	Abr	Jun	Jul
	Revisão Bibliográfica	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
	Análise de dados			x	x	x	x	x	x	x	x	
	Elaboração do Relatório				x	x	x	x	x	x	x	x
	Elaboração do Resumo e Relatório Final (atividade obrigatória)										x	x
	Preparação da Apresentação Final para o Congresso (atividade obrigatória)											x

Referências

ALEXANDROFF, Marlene Coelho. Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 18, n.17, p. 20-41, 2010.

ARIOSI, Cinthia Magda Fernandes. Ensino de artes para crianças de creches: experiências sensíveis, sensoriais e criativas. **Atos de Pesquisa em Educação** - PPGE/ME, v. 9, n. 1, p. 127-154, jan./abr. 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 1977.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **Revisão das Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação, 2009.

BISSOLI, Michelle de Freitas. O espaço lúdico na educação infantil. In: BISSOLI, Michelle de Freitas (Org.). **Fundamentos da Educação Infantil**. Manaus: CEFORT/EDUA, 2007. p. 12-25.

GOBBI, Márcia Aparecida. O fascínio indiscreto: crianças pequenininhas e a criação de desenhos. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de, MELLO, Suely Amaral. (Org.). **Territórios da infância: linguagens, tempos e relações para uma pedagogia para as crianças pequenas**. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2007. p. 119-136.

_____. Mundos na ponta do lápis: desenhos de crianças pequenas ou de como estranhar o familiar quando o assunto é produção infantil. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 20, n. 41, p. 147-165, jan./abr. 2014.

IAVELBERG, R. **O desenho cultivado da criança: prática e formação de educadores**. 2. ed. rev. Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

_____. **Desenho na Educação Infantil**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013.

MELLO, Suely Amaral. Algumas implicações pedagógicas da Escola de Vygotsky para a educação infantil. **Pro-Posições**, Campinas, v. 10, n. 1 (28). p. 1-24, 1999.

_____. **A educação de crianças de zero a três anos e a construção de um currículo para a creche**. São Carlos: 2005b. Mimeografado: material preparado uso em curso de formação de professores em São Carlos, p. 1-37.

_____. O desenvolvimento da linguagem oral, escrita e visual. In: BISSOLI, Michelle de Freitas (Org.). **Fundamentos da Educação Infantil**. Manaus: CEFORT/EDUA, 2007.

MONTEIRO, Adriana Torres Máximo; CARVALHO, Levindo Diniz. As coisas que não tem nome são mais pronunciadas por crianças: culturas infantis e produção simbólica. **Atos de Pesquisa em Educação** - PPGE/ME FURB, v. 6, n. 3, p. 632-657, set./dez. 2011.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

SILVA, Marta Regina Paulo da. Minicurso: Crianças, culturas infantis e linguagem dos quadrinhos: entre subordinações e resistências. **36º Encontro anual da ANPED**, 2013.

SILVA, Silvia Maria Cintra da. **Condições sociais da constituição do desenho infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

STACCIOLI, Gianfranco. As di-versões visíveis das imagens infantis. **Proposições**, Campinas, v. 22, n. 2 (65). p. 21-37, 2011.

TRINDADE, Rafaela Gabani. **Desenho infantil: contribuições da educação infantil para o desenvolvimento do pensamento abstrato sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural**. Dissertação (Mestrado em Educação) -Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

VYGOTSKI, L. S. **Imaginação e Criatividade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.